

LEO AVERSA/DIVULGAÇÃO/JC



Adriana Calcanhotto, em registro de 2014

'Não sei se vou ficar cantando pelo resto da vida'

Trechos não usados acima de duas entrevistas feitas com intervalo de 30 anos. Em 1996 (no Rio, para Zero Hora) e 2026 (em Porto Alegre, para o Jornal do Comércio). Aqui, estão embaralhadas. Vale assinalar que nesse 'intervalo' Adriana se tornaria conhecida nos EUA e na Europa. E que, depois de abrir os 19 shows da turnê europeia de Gilberto Gil em 2021, foi a convidada dele para o show em Porto Alegre da turnê de despedida Tempo Rei, em setembro de 2025 no Beira-Rio.

“Em minha adolescência, tinha uma ala de amigos, que gostava de música brasileira, e outra, mais perto de meu irmão Cláudio, de rock progressivo. Tive um namorado que adorava Pink Floyd, mas eu não gostava. Fiquei louca com o Caetano, com Gil, com Bethânia. Tinha uns 14 anos.”

“Um dia, com uns amigos, fomos parar em um bar da Cidade Baixa onde tocavam Plauto Cruz e João Pernambuco, e com eles se apresentava uma cantora chamada Iara Lemos. Enlouqueci. Para mim, era apenas o máximo uma pessoa ganhar a vida cantando de noite e dormindo de manhã.”

“Na noite conheci muita gente, e como já tocava violão, que ganhei de minha avó aos seis anos, forcei a coragem e comecei a cantar em público. Depois eu queria ser a cantora do bar Peccados Mortaes, porque era o lugar em que o Nelson Coelho de Castro aparecia de vez em quando - e quando ele aparecia eu quase desmaiava. Nunca falei com ele, não tinha coragem.”

“No final de 1987 fiz *Outubro ou Nada*, ousado, diferente dos outros shows e que teve uma coisa superimportante para mim, que foi o teu aval, a tua crítica, com um título maravilhoso, 'Adrianas vão surpreender você'. Pensei: pô, então não tô doida!”

“Mesmo com tantos shows em Porto Alegre, comecei a achar que a história não estava dando muito certo, pois era tudo difícil de conseguir, eu quase pagava pra trabalhar, me deu um desânimo. Foi quan-



do conheci Maria Lúcia Dahl, que chegou na cidade com uma peça de teatro, e depois abriu espaço para mim no Mistura Up, no Rio. E foi um absurdo, um sucesso. Mas fui para o Rio considerando que seria uma última tentativa.”

“No início eu ainda estava muito interessada nessa coisa da performance. Depois fui amadurecendo a composição. Comecei a ler muita poesia, a estudar poesia, ler sobre poesia, e fui tomando gosto. No primeiro disco só tem duas músicas minhas. Quando parei para fazer o segundo, já veio uma safra. Muitas pessoas me estimularam a compor. E eu tinha também o exemplo de Marisa Monte, que no segundo disco já cantava músicas dela, com arranjos que não se pareciam com nada. Aquilo, me estimulou. Liguei pra ela pra falar do disco. Na mesma época conheci a Bebel Gilberto. Foram várias circunstâncias.”

“Meu segundo disco tem seis faixas com música e letra minhas. Uma delas é *Esquadros*. As pessoas da gravadora me disseram que uma música com esse título nunca iria tocar... Mas é que eu não fazia pra tocar, eu fazia por fazer. Estava inte-

ressada nisso, não em ficar famosa. O Nei Lisboa, por exemplo, não fazia música pra tocar, fazia por fazer. E *Esquadros* foi um sucesso. Logo depois viajei pra Nova York com Waly Salomão e Antônio Cícero, comecei a andar mais com eles, e aí vem *A Fábrica do Poema*.”

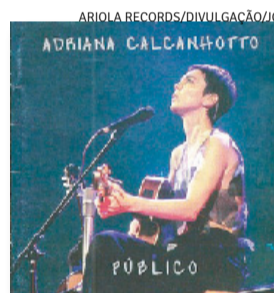
“No ano passado [1995] eu fiz 170 shows, muitos sem vontade, e isso quebrou um tipo de convivência que eu tinha com o palco, uma coisa que adoro. Vi que sei fazer shows sem vontade, mas não acho honesto, nem comigo nem com o público. Não quero mais fazer isso.”

“As pessoas falam dessa história de estrela, a gravadora também, e estive a um passo de encarnar, de acreditar nisso. Mas não me sinto assim, não sei se vou ficar cantando pelo resto da vida, uma dúvida que eu já tinha em Porto Alegre.”

“Acho um privilégio viver no Rio. Tem lá suas chateações, a cidade é violenta, a gente fica com medo, anda com o vidro do carro fechado. Mas as pessoas são generosas, alegres. Os cariocas me ensinaram muito sobre a alegria.”

“Um dos principais problemas do País é a educação. Educação não significa só alfabetização, é saber comer alimentos saudáveis, não jogar sujeira na rua, não furar o sinal de trânsito. Conheço analfabetos que são educadíssimos.”

“Em 2015, me convidaram para fazer uma residência na Universidade de Coimbra, dando aulas. Falei: mas eu quero é estudar, não sou professor, nunca dei aula... En-



Participação especial de Adriana Calcanhotto no show da última turnê de Gilberto Gil, em 2025, no Estádio Beira-Rio



Juarez Fonseca é jornalista cultural há 50 anos. Autor dos livros *Gildo de Freitas, o Rei dos Trovadores*; *Ora Bolas - O humor de Mario Quintana*; e *Aquarela Brasileira* (volumes 1 e 2)

JUAREZ FONSECA/ESPECIAL/JC



Ao lado de Luciano Alabarse, amigo e parceiro nos primeiros espetáculos em Porto Alegre

fim, foi incrível, porque sou de uma família de professores, minha avó, minha mãe, minha tia. Topei. No primeiro ano seriam *masterclasses* sobre composição musical, falando da história desde a Grécia, dos fundamentos da canção. Também me dei conta de que ensinar é estudar. Depois me pediram para dar um curso sobre como escrever canções. Fiquei conhecendo muitos professores, é uma gente muito especial.”

“No ano passado [2025] me lembraram que era embaixadora da Universidade, só que estava muito centrada na Faculdade de Letras. Mas é que essa faculdade tem a música, tem arqueologia, os estudos clássicos. Daí me pediram para entrar nessa coisa da ciência da computação e a influência na composição. Estudei pra isso. Agora vou começar a colaboração com outros departamentos.”

“Quando estou em Coimbra sempre recebo muitos livros, principalmente de poetas, assim fiquei conhecendo, por exemplo, Alexandre O’Neil, Jane de Andrade... A poesia faz parte do cotidiano deles. Levei um tempo para entender esse mecanismo, e aí passei a viajar com uma mala vazia, porque ela volta cheia de livros.”